

HRG é recordista em atendimentos

O Hospital Regional do Gama é o recordista em número de atendimentos, na rede pública do Distrito Federal. A revelação foi feita após levantamento do ano passado e, segundo previsões da própria diretoria do HRG, a situação em 1993 não está sendo diferente. Só no mês de agosto, a média de partos realizados chegou a 700, enquanto em 1992, o índice não passou de 550. A solução para o problema de saturamento, principalmente nos consultórios da clínica médica e pronto-socorro, diz o diretor Paulo Pucci, é a criatividade.

Preparado para atender exclusivamente à comunidade da satélite, e mesmo assim com o apoio dos centros e postos de saúde, o hospital é obrigado a impor jornadas de trabalho dobradas aos funcionários, além de confiar na paciência das pessoas que procuram assistência. O HRG consulta hoje cerca de seis vezes mais pacientes na clínica médica do que o Hospital Regional da Asa Norte. No mês passado, 40 mil 375 atendimentos foram feitos na emergência, mais de mil 300 por dia, e cerca de sete mil no ambulatório.

Segundo levantamento do chefe da Medicina Integrada do Hospital, o médico José Maria Reis, para minimizar o déficit seriam neces-

sários mais 29 médicos da Unidade Pediátrica (hoje, são 31) e outros 31 na Clínica Médica (a equipe tem 34). Os dois setores foram apontados por ele como os mais carentes de profissionais para atendimento.

O diretor do hospital, Paulo Pucci, que também é membro da Comissão de Política de Recursos Humanos da Secretaria de Saúde, lembra que hoje a quantidade de pacientes que recebem assistência no Gama e em Taguatinga representa aproximadamente 70 por cento do total na rede pública. Além da comunidade local, o HRG atende pessoas do Entorno e cidades do interior de Goiás e estados do Nordeste.

O ideal, explica o médico, é que fosse respeitado o limite de 16 pessoas por dia atendidas por clínica. Na sua opinião, os centros e postos de saúde deveriam "filtrar" parte da demanda, só que, além de também sofrerem com a escassez de vagas, os próprios pacientes preferem o caminho direto ao hospital. "Por isso, são tão comuns as vias crucis em busca de atendimento", justifica.

Solução — Para resolver o problema, segundo Pucci, existem duas soluções. A primeira depende dos governos estaduais, que deveriam investir mais na saúde da população, evitando a evasão para o DF. A outra é uma reforma nos critérios de repasse de verbas para o setor, feita pelo Governo Federal.